

Ricardo Azevedo

O livro das palavras



ilustrações: Mariana Massarani

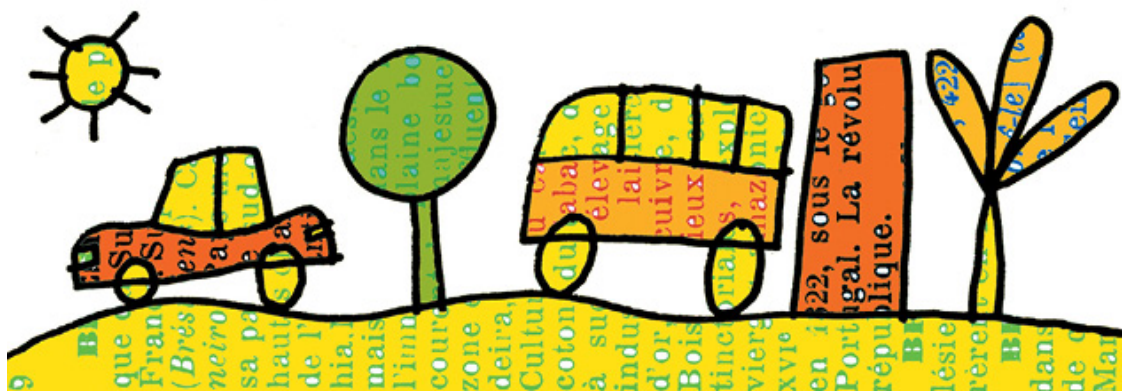


O livro das palavras



Ricardo Azevedo

O livro das palavras



ilustrações: Mariana Massarani



Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11



— Sei tudo o que vocês sabem e muito mais! — dizia o dicionário de capa dura, passeando entre as estantes da casa cheia de livros.

A biblioteca parecia uma espécie de trepadeira. Tinha germinado, florescido, frutificado e se alastrado por todos os cantos, invadindo corredores, sala, quartos e até banheiro, cozinha e varanda.

Pelas paredes brotavam livros de histórias inventadas e livros de histórias de verdade. Romances, contos, tragédias, aventuras e comédias. Livros de poesia. Livros contando a vida de pessoas famosas. Histórias de terror. Cultura popular. Publicações elegantes de arte, recheadas de gravuras coloridas. Grossos volumes de ciência. Livros didáticos. Mapas. Livros, livros, livros e mais livros.

O dicionário apreciava sair da estante, de vez em quando, para exibir suas duas mil e tantas páginas.

— Eu sou o livro das palavras! Tanto faz se esta biblioteca pegar fogo — dizia ele com ar superior. — Eu escapando, tudo bem...

Livros costumam viver ocupados com os próprios assuntos, por essa razão ninguém na biblioteca ligava muito para o dicionário.

No alto de uma estante, por exemplo, dois volumes, um recente e outro escrito em mil quinhentos e tanto, comparavam o que seus autores disseram sobre o descobrimento do Brasil.

As diferenças de opinião eram gritantes.

— Quem está certo sou eu — garantia o livro escrito há quinhentos anos atrás. — Meu autor viveu naquele tempo, assistiu ao descobrimento, viu com os próprios olhos o que se passou e o que não se passou.

— Discordo — dizia o outro.

E argumentou que justamente por ter vivido muito tempo depois, seu autor tinha podido estudar o descobrimento do Brasil com mais calma e ler diversos livros com diferentes pontos de vista sobre o assunto, tanto os daquela época como os que vieram depois.

— Por essa razão — explicava ele —, meu autor conseguiu ter uma visão mais geral e compreender melhor como foi o descobrimento.

O livro das palavras escutou a conversa e pensou: “Não é fácil dizer qual dos dois está certo”.

Pensou, mas ficou quieto.

Ali perto, dois livros de contos populares davam boas risadas relendo as próprias páginas.

Acontece que cada autor tinha contado a história de *Branca de Neve* de um jeito. Uma versão tinha sete anões. Na outra, duzentos ladrões. Numa, a madrasta conversava com o espelho mágico. Noutra, era a própria mãe da menina quem fazia perguntas ao espelho.

— Quem está certo? — perguntava um dos livros. — Eu ou você?

O outro ria:

— Eu!

— Os dois estão certos — decretou um livro-especializado-em-livros, do alto de sua estante prateada. — Ninguém sabe quem inventou nem essa história, nem *A bela adormecida*, *O gato de botas* ou *A gata borralheira*, por exemplo. A mesma coisa acontece com Pedro Malasartes ou João

Grilo. São maravilhosas narrativas populares que chegaram até nós contadas de boca em boca. Como cada contador conta do seu jeito, na verdade — concluiu ele —, esses contos sempre são versões.

O dicionário entrou na conversa:

— Como assim? Então são histórias sem autor?

— São e não são — explicou o livro-especializado-em-livros. — A mesma coisa acontece com as piadas. Podem surgir de um pequeno caso engraçado, alguém conta pela primeira vez, o caso corre de boca em boca e, como quem conta um conto aumenta um ponto, vão tomando outras formas e até ficam mais engraçadas com o passar do tempo.

— Falando em piadas — interrompeu um livro de anedotas —, vocês conhecem a dos três loucos conversando no hospício?

Ninguém conhecia.

Três loucos — começou ele —, de pijama de lã, cachecol, penico na cabeça e guarda-chuva, estavam calmamente conversando sentados no alto de um coqueiro. O calor estava de rachar.

O primeiro disse:

— Já pensou se a gente um dia ganhasse na loteria?

O segundo perguntou:

— O que você ia fazer?

O primeiro respondeu:

— Se eu ganhasse na loteria, comprava um cavalo branco, botava um motor dentro da barriga dele, enchia bem o tanque e ia dar a volta ao mundo em oitenta dias.

O segundo pensou um pouco e disse:

— *Eu não! Se eu ganhasse na loteria, entrava na tela da televisão, casava com aquela atriz bonita da novela, dava muitos beijinhos e fugia com ela pilotando meu aviãozinho de papel.*

O terceiro balançou a cabeça, triste e preocupado.

Os outros quiseram saber o que ele pretendia fazer com o prêmio.

— *Deixa pra lá — respondeu ele cabisbaixo.*

Os outros gritaram:

— *Conta!*

E ele:

— *Esquece!*

Os outros:

— *Conta, conta, conta!*

— *Vocês juram que não espalham pra ninguém?*

Os outros juraram de pé junto.

O louco, então, confessou baixinho:

— *Se eu ganhasse na loteria mandava consertar minha bunda, que está rachada!*

Muitos livros caíram na gargalhada.

O dicionário também riu, mas foi puro fingimento. Na verdade, ele não achou graça nem entendeu a piada.

Ali perto, em voz baixa, num canto escuro da biblioteca, um livro de lógica discutia com um de religião. Outros comparavam os hábitos de cachorros selvagens e cães domésticos.

Para variar, o livro de paradoxos implicava com todo mundo. Dessa vez, apareceu com a seguinte pergunta:

— E se alguém de repente entrasse na biblioteca, dissesse em voz alta: “Sou mentiroso”, depois virasse as costas e fosse embora? Já pensaram

que problemão!

— Problemão por quê? — quis saber um livro sobre a arte da entrevista.

— Ué, se o “sou mentiroso” for verdade, ou seja, se o sujeito for mentiroso mesmo, então ele não pode ser considerado mentiroso, pois ao confessar que era mentiroso, disse a verdade — respondeu o livro de paradoxos, com ar gozador. — Por outro lado, se o “sou mentiroso” for mentira, isso quer dizer que não é mentiroso, pois também falou a verdade. Disse que era mentiroso e era mesmo!



Ninguém prestava a menor atenção. O livro de paradoxos tinha mania de inventar problemas feitos de palavras e ideias.

Pelas estantes da biblioteca, conversava-se ainda sobre as regras de futebol. Moda. Política. Motores de explosão. Pomares e hortas. Física quântica. Astrologia. Computação. Cuidados com o corpo. Códigos genéticos. Receitas de fazer pão.

O dicionário gostava de provocar.

— Não consigo entender como tanta gente perdeu tanto tempo escrevendo tanto livro! Pra quê? — perguntava ele rindo. — Podem fazer a poesia que quiserem. Podem escrever sobre ciência, ginástica, religião, culinária, matemática ou o que for. Um dicionário que se preza, um dicionário assim como eu — e agora ele falava de boca cheia — contém tudo o que se possa imaginar. Eu disse tê-u-dê-ó. Tudo. Todas as palavras. Não há nada no mundo que...

Uma voz cortou o espaço da biblioteca:

— Discordo!

Era um livro de literatura de ficção, ou seja, de histórias inventadas falando das aventuras de homens e mulheres diante da vida e do mundo. Uma brochura velha, com a capa carcomida. Já tinha sido lido por muitos leitores, emprestado, devolvido, roubado, perdido, encontrado e rasgado. Até chupado, lambido e mordido ele já tinha sido, pelo filho pequeno de um leitor. Quanta gente não andou lendo e se distraíndo com suas páginas amareladas! Quanta gente não ficou com outra maneira de pensar após sua leitura! Quanta gente não se emocionou! O livro já perdera, aliás, diversas folhas do meio. Tinha furinhos de traça. Fizera viagens. Fora roído por um cachorro e mil vezes esquecido no jardim, nos braços da noite e da chuva.

— Você pensa que sabe tudo — disse o livro velho —, mas se sair da biblioteca e der uma voltinha por aí, vai descobrir que sabe todas as coisas e, ao mesmo tempo, não entende coisa nenhuma.

— Como assim? — perguntou o dicionário.

— Entre uma palavra escrita e o que ela quer dizer existe muita diferença! — explicou o outro. — É que as coisas da vida e do mundo são muito ricas. Muito mais ricas, na verdade, do que qualquer livro jamais poderia ser. O mundo de verdade — disse ele — é cheio de truques, surpresas, acasos e outros inesperados. Quer ver? Por exemplo: sabe o que é água?

— Água?

O dicionário bocejou com superioridade.

— Claro que sei! Ora... água! — e depois de consultar suas páginas, ensinou: — Água é... “óxido de di-hidrogênio. Um líquido incolor essencial à vida. H₂O. A parte líquida do globo terrestre”.

A velha encadernação de capa carcomida sorriu gostosamente.

— Líquido incolor! Essa é boa! Acho que nunca viu uma planta seca antes e depois de um dia de chuva. Nem um homem sedento mergulhando a boca num rio para matar a sede. Por acaso já se molhou alguma vez na vida? — perguntou ele. — Tomou chuva? Caiu no mar? Ficou ensopado? Encharcado?



O livro das palavras nunca tinha saído da biblioteca.

— Se a resposta é não, desculpe muito — completou o livro de literatura. — Quem nunca se molhou não pode falar de água!

E continuou:

— Vou dar outro exemplo. Vamos supor que a gente faça uma festa de livros e a biblioteca vire uma tremenda bagunça. No meio da farra, entra o dono da casa, põe as mãos na cintura e grita: “Muito bonito!”.

O livro examinou o dicionário.

— Neste caso — perguntou ele —, o que significa “muito bonito”?

Apressado, o dicionário consultou as letras M e B.

— Muito — disse ele — quer dizer “grande quantidade”. Bonito quer dizer alguma coisa bela, agradável, que dá prazer na gente, que a gente

gosta. “Muito bonito”, portanto, quer dizer uma grande quantidade daquilo que a gente gosta bastante.

— Mas foi isso que o dono da biblioteca quis dizer? — perguntou o outro. O próprio livro respondeu: — Claro que não! O sujeito falou “muito bonito” mas quis dizer “muito feio” ou “que ruim” ou ainda “que raio de bagunça é essa?”.

E completou:

— Em outras palavras, ele disse uma coisa mas quis dizer outra!

Aquela conversa perturbou o livro das palavras profundamente. Por dentro. Por fora, fez cara de quem estava pouco se lixando, olhou indiferente o velho volume de páginas amareladas e voltou para sua estante.

O problema é que o livro de literatura tinha razão. O dicionário nunca se molhara. Nem sabia, pensando bem, o que era exatamente um líquido. E muito menos do que a umidade é capaz.

Pior que isso.

Tinha descoberto aquele dia que compreender o significado das palavras podia não ser uma coisa tão simples.

Pela primeira vez na vida, o livro das palavras passou uma noite em claro. Graças a isso, escutou o apito do guarda-noturno, gritos de gatos namorando e brigando, latidos e o ronco dos automóveis passando de quando em quando. Aquela noite, o dicionário pensou muito e meditou procurando alguma coisa no fundo de si mesmo.

Chegou à conclusão de que para poder garantir que sabia tudo precisava conhecer o mundo e para isso seria necessário viajar.

— Viajar — disse ele — significa “fazer viagem ou viagens. Andar por, percorrer, correr...”.

Sim! Era exatamente o que iria fazer.





2

Um livro perambulando por uma estrada é algo impossível de se ver, mas como o dicionário não sabia disso, saiu de casa no dia seguinte logo cedo.

— Que coisa, o mundo! — reparou ele espantado, olhando para todos os lados. — Como é bom poder se dar conta da terra, do vento, dos perfumes, dos ruídos e das nuvens branquinhas formando figuras silenciosas no céu!

Reconheceu árvores, flores, montanhas ao longe e a diferença impressionante entre certas pedras, certas folhas, certas borboletas, certas nuvens e certos passarinhos.

Tudo era novidade para o livro das palavras e, ao mesmo tempo, tudo estava escrito e impresso em suas duas mil e tantas páginas.

O sol foi tomando conta do céu azul.

— O sol — verificou ele — é “uma estrela de quinta grandeza que faz parte da galáxia Via Láctea e é o centro do sistema planetário e...”.

Mas os raios do sol bateram tão forte que a capa do dicionário começou a esturricar.

“É melhor eu procurar uma sombra”, pensou ele assustado, fugindo apressado para baixo de uma árvore.

— Árvore — disse ele olhando para dentro de si mesmo — “é um vegetal lenhoso, de tronco elevado, preso no solo por meio de raízes e com ramos na parte superior”.



O livro examinou a árvore. Embora não soubesse, estava debaixo de uma mangueira de mais de cem anos. Que árvore imensa, poderosa e folhuda! As mangas madurinhas, penduradas nos galhos, estavam prontas para serem colhidas. Fora isso, tinha dois ninhos de passarinho e uma casa de joão-de-barro. Num dos galhos de cima, um imenso marimbondeiro. Formigas trabalhavam carregando folhas e mais folhas. Isso sem falar nos besouros, aranhas e lagartas, numa trepadeira que cobria parte do tronco, no buraco onde vivia uma coruja e na passarinhada que vinha beliscar a doçura das mangas.

O lugar era uma beleza. Borboletas vojavam de flor em flor. Uma cigarra cantou. A estrada, naquele ponto, fazia uma curva antes de começar a subir a serra.

Protegido pela sombra da mangueira, o dicionário ficou admirando a paisagem.

— Sombra — disse ele — é “um espaço menos iluminado onde não bate luz direta” e paisagem “é um espaço de terreno que se abrange num lance de vista”.

“Mas como a sombra pode ser gostosa!”, pensou ele, espreguiçando-se na sombra. “E outra: como uma paisagem pode ser linda!”

Mais tarde, o sol foi cercado por um bando de nuvens, o vento voltou a soprar e o dicionário sentiu que podia continuar sua viagem.

Logo adiante, subindo a serra, encontrou um menino de pé sobre uma pedra. O moleque, muito magro e descalço, gesticulava sem parar.

Gesticulava sem dizer uma única palavra. Apenas mexia as mãos. Mexia os braços. Mexia a cabeça. Fazia gestos. Às vezes ria e balançava o corpo inteiro. Ou então fazia sinais com os braços.

O livro ficou observando a cena. Acabou notando que o garoto olhava sempre na mesma direção.

Sim. Bem longe, no topo da serra, atrás da floresta, havia um vulto. De tão distante, quase não dava para ver direito se era homem, mulher ou criança. O vulto fazia gestos também.

O dicionário olhava um e olhava outro.

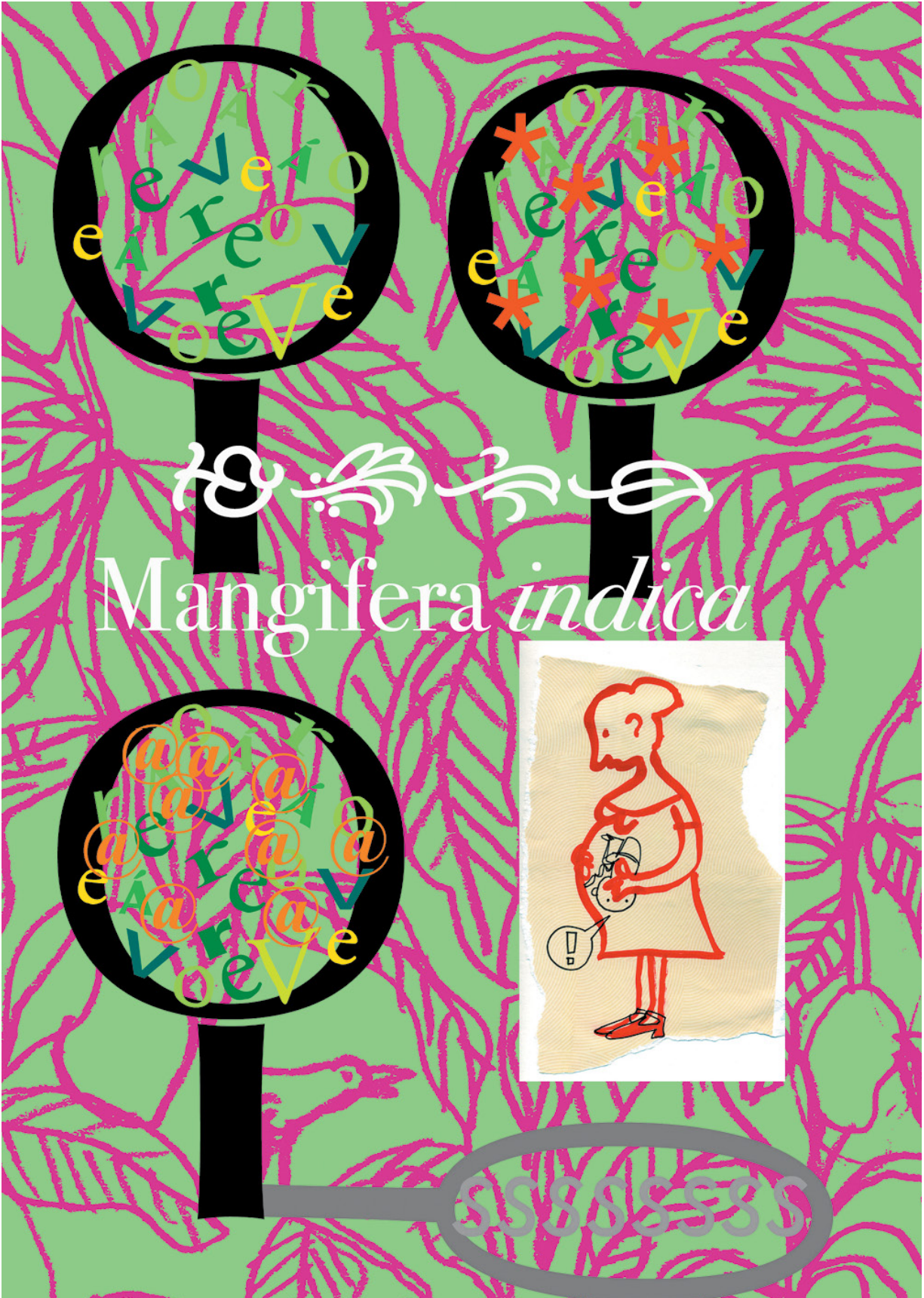
Quando um gesticulava, o outro parava e prestava atenção. Quando o outro gesticulava, o primeiro olhava atento. Aquilo era uma conversa. O menino e o vulto lá longe estavam usando o próprio corpo para falar.

O dicionário não sabia nem podia entender o que eles diziam. Buscou suas próprias palavras. Revirou suas duas mil trezentas e tantas páginas. Verificou que as palavras estavam todas lá. Não faltava nenhuma. Entretanto, aqueles dois conseguiam conversar sem elas!

O menino fez um aceno. O outro, lá no alto, respondeu balançando um braço e, em seguida, desapareceu atrás de uma moita. Parece que os dois tinham combinado alguma coisa.

Contente da vida, o moleque pulou da pedra, agarrou uma sacola jogada ali perto, pegou a bicicleta e partiu assobiando.





Mangifera *indica*



3

O livro das palavras seguiu pela estrada bastante admirado. Nunca tinha pensado na diferença entre a palavra árvore e uma árvore de verdade saindo imensa do chão. Nem que seria possível conversar sem usar uma única palavra.

“Esse mundo realmente tem uma ou outra surpresa”, reconheceu ele.

Mas foi interrompido por um homem que vinha andando apressado.

De repente ele parou, examinou o livro e disse baixinho:

— Será que aqui tem como fazer um parto?

— Parto do verbo partir? — quis saber o livro.

O homem estava nervoso.

— Você sabe ou não sabe fazer um parto? Minha mulher está lá em casa prestes a dar à luz.

— Dar à luz? Mas como? Luz significa “a iluminação que procede do sol durante o dia; luz do dia; claridade e...”.

— Minha mulher vai ter um bebê!

— Oh, desculpe — disse o dicionário. — As palavras às vezes são muito parecidas. Claro! Parto significa “ato ou efeito de parir... conjunto de fenômenos mecânicos e fisiológicos que levam à expulsão do feto e seus anexos do corpo da mãe...”.

— Feto e seus anexos? Fenômenos mecânicos?

O homem estava chocado.

— Você está falando do meu primeiro filho? Do meu herdeiro? Do ser querido que eu e minha mulher estamos esperando há tanto tempo?

O dicionário não entendeu o tom ofendido do homem.



Apressado, este agarrou o livro, revirou e folheou suas páginas mas não encontrou nada que pudesse ensiná-lo a ajudar sua esposa.

Atirou o livro longe e partiu em passos urgentes em busca de ajuda.

O dicionário quase caiu em cima de uma poça.

Um homem vestido com um uniforme cinzento apareceu correndo e dando cambalhotas pela estrada. Passou pelo livro, plantou uma bananeira e, de cabeça para baixo, gritou:

— Oba! Que sorte! Um pedaço de carne!

— Não sou pedaço de carne, não senhor! — reagiu o livro. — Sou um dicionário.

— Primeiro, vou comer você inteirinho, depois, a gente conversa — respondeu o homem enquanto catava pedaços de madeira seca.

— O que está fazendo? — perguntou o livro.

— Vou preparar um churrasco.

— Mas... churrasco é “a carne bovina ou de outro animal assada, sem ser temperada, na grelha ou no espeto...”. Espere aí! Não sou

comida. Eu sou de papel!

— Papai, papel, papinha, papão, papudo!

— Como assim?

— Como assim e como assado! — respondeu o homem. Preparou a fogueira, fez um suporte com três pedaços de pau, prendeu o livro em cima e sacou uma caixa de fósforos.

— Não faça isso! — pediu o livro, assustado.

Lembrou de sua ideia. A biblioteca inteira podia pegar fogo, menos ele.

— Eu sou um dicionário — explicou. — Sou um livro importante feito de papel e não de carne.

— Larga mão de ser mentiroso — respondeu o homem com um sorriso malicioso. — Tá querendo me enganar, é? Você é carne, sim, e eu vou comer você inteirinho, mas antes...

O homem puxou um copinho plástico do bolso, pegou um pouco de água da poça no meio da estrada e disse:

— Churrasco sem uma cervejinha estupidamente gelada não tem a menor graça!

Nesse exato momento, apareceu uma kombi branca. Era do hospício. Dois funcionários com cara feia desceram gritando:

— É ele!

— Cuidado que o cara é pancada da cabeça!

O homem tentou fugir fazendo um buraco no chão, mas acabou sendo preso.

— Mamãe — gritava ele chorando. — Mamãe eu quero, mamãe eu quero, mamãe eu quero mamar!

Os homens jogaram o louco metido a churrasqueiro dentro da kombi, trancaram bem a porta e foram embora cantando pneu.

O dicionário sabia o que era “pancada” e o que era “cabeça”, mas não o que era “pancada da cabeça”.



“Seria uma pancada dada por uma cabeça?”, perguntou ele para si mesmo.

Logo adiante encontrou um homem caído na estrada.

O livro chegou perto.

O homem parecia muito velho, tinha a pele enrugada, e gemia no chão com os olhos fechados.

— Ai... — disse ele baixinho. — Acho que estou morrendo...

O livro procurou as palavras começadas com a letra M.

— “Mordaça... mormaço... moringa... mortadela...” Ahá... sim... aqui está! — exclamou todo contente. — Morte é... muito simples... morte é “o ato de morrer. O fim da vida animal e vegetal. Termo, fim, destruição, ruína”.

— Quê? — gemeu o velho, pousando dois olhos tristes sobre o dicionário. — Por favor! — pediu ele. — Sou velho... eu sei... estou doente... o tempo passou... meus filhos até já tiveram filhos... mesmo assim...

Uma lágrima escorreu pelo rosto cheio de marcas e rugas.

— ... queria tanto poder viver mais um pouquinho!

O corpo do homem começou a tremer. Seu olhos se fecharam. Um suspiro com cara de último escapou de sua boca.

Sem palavras, o livro das palavras não sabia o que fazer. Estava surpreso, confuso e impotente. A morte seria aquilo?

De repente, o velho resmungou qualquer coisa. O dicionário chegou mais perto, quase encostando a capa dura na boca do moribundo.

— Manga — balbuciou o velho quase sem voz.

Em seguida, fechou os olhos.

O livro investigou as palavras dentro de si mesmo.

“Manga? Manga é ‘a parte do vestuário onde se enfia o braço’. Manga é ‘o fruto da mangueira’. Manga também quer dizer ‘grupo de pessoas, ajuntamento, bando ou turma’.”

A que “manga” aquele homem se referia?

O dicionário pensou tanto que quando foi ver era tarde demais. O homem velho estava morto.

O livro examinou o corpo caído na estrada. Como não tinha cabeça, coçou a capa.

Pássaros escuros sondavam sinistros no céu.

Ventos desencontrados sopravam sem rumo.

O sol esfriou e desapareceu no espaço, engolido por uma nuvem cor de chumbo que nem boca tinha.





caranguejo

4

O livro das palavras seguiu viagem. Andou, andou, andou e chegou no alto de uma serra.

Lá embaixo, enxergou, verde, azul e esplendoroso, o mar. Desceu uma estradinha tortuosa e foi até a praia.

Pela primeira vez na vida, captava a energia invisível do oceano.

Segundo ele mesmo, oceano é “a massa descomunal de águas salgadas que ocupam a maior parte da superfície do globo terrestre”.

Dentro de suas páginas, sentiu um misto de esperança e receio diante da força daquele bando de águas se misturando e dançando e indo e vindo e empurrando e puxando sem parada nem descanso.

“Como eu podia imaginar que o mar tinha tanta força e tantas cores!”, pensou ele, sinceramente admirado.

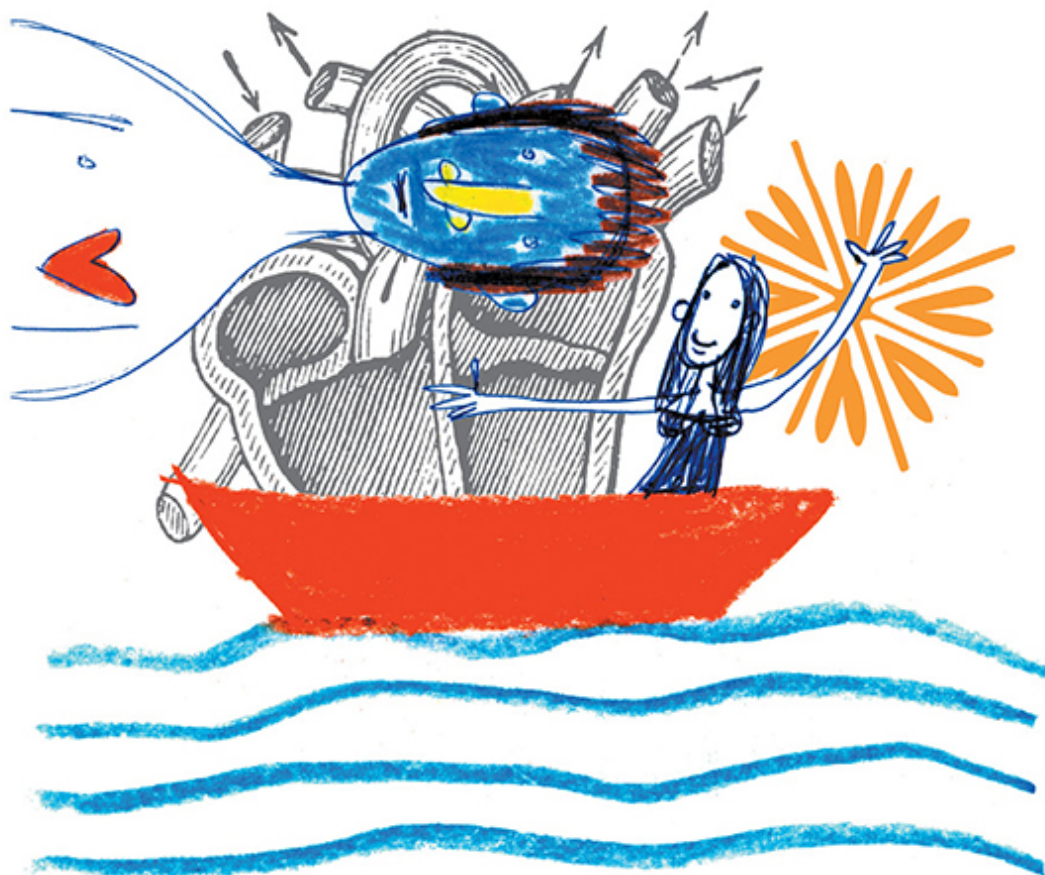
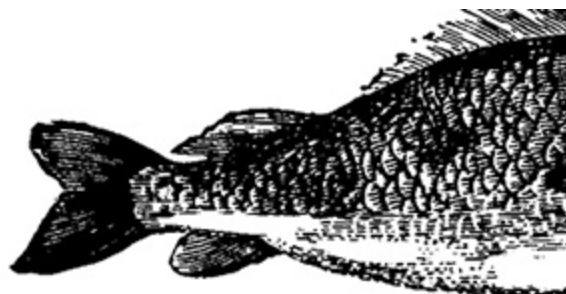
Seguindo pela praia, acabou encontrando um jovem tomando banho de sol.

— Ué! — disse o moço ao perceber o dicionário. — Um livro por aqui? Deve ter caído de algum navio.

— Não... eu... sou viajante — explicou o dicionário. — Ando por aí conhecendo o mundo.

— Conhecendo o mundo? — o homem sorriu. — Pra quê?

— Ué! — exclamou o livro. — Talvez não saiba — disse ele pigarreando e fazendo voz de sabichão —, mas o mundo é cheio de truques, surpresas, acasos e outros inesperados. Uma coisa, por exemplo, é saber que a água é um líquido incolor. Outra... — e aí o dicionário falou como um conhecedor: — Já notou como ficam as plantas secas antes e depois de um pouco de chuva?



Distraído, o jovem contemplava a massa descomunal de águas salgadas que ocupam a maior parte da superfície do globo terrestre.

— Pra mim — disse ele — tanto faz o mundo. Só sei que estou apaixonado...

O moço esticou o corpo na praia. De olhos fechados, começou a cantarolar baixinho.

Um casal de passarinhos azuis passou namorando no céu.

— Apaixonado — informou o dicionário — “é aquele que está dominado por uma paixão”. E paixão — achou o livro, na página número dois mil e tanto — “é um sentimento ou emoção levados a um alto grau de intensidade, sobrepondo-se à lucidez e à razão. É amor ardente, afeto dominador, obsessão, entusiasmo vivo...”.

— Hã? — perguntou o moço abrindo os olhos. — Que blá- blá-blá é esse? Quanta falação por causa de nada! Olha... eu só quis dizer que estou amando... que não consigo tirar certa pessoa da cabeça...

— Ah! Bem... — disse o dicionário voltando para a letra A. — Amor é... “um sentimento que predispõe alguém a...”.

— Pare com isso! — exclamou o moço de novo com os olhos fechados. Parecia estar imaginando coisas. — O amor — disse ele — é a paz explodindo dentro da gente. O amor faz as flores brotarem na palma da mão.

O moço sorriu. Sentou-se na areia e começou a recitar:

— Amor é fogo que arde sem se ver, é ferida que dói, e não se sente; é um contentamento descontente, é dor que desatina sem doer. É um não querer mais que bem-querer; é um andar solitário entre a gente; é nunca contentar-se de contente; é um cuidar que ganha em se perder. É querer estar preso por vontade; é servir a quem vence, o vencedor; é ter com quem nos mata, lealdade...

— Que beleza! — exclamou o dicionário, encantado. — Você fala bonito!

— É um poema de Camões.

O dicionário consultou seus milhares de páginas.

— Camões — disse ele — significa “homem ou animal que só enxerga com um olho. Indivíduo vesgo e caolho”.

O rapaz caiu na gargalhada.

— Larga de dizer besteira! De onde você tirou essa? Camões foi um dos maiores poetas da língua portuguesa. Seu nome inteiro era Luís Vaz de Camões. Nunca ouviu falar, não?

O dicionário nunca tinha ouvido falar e, para ser franco, estava confuso. Lembrou-se de novo da ideia de incêndio na biblioteca. Perguntou:

— Como é que pode um fogo arder sem ninguém ver? E mais: como pode uma ferida doer e a gente não sentir? Ficar solitário entre as pessoas? Ou ter vontade de ser prisioneiro?

— É que há coisas difíceis de colocar em palavras — disse o rapaz. — O amor é uma delas. Aliás, a poesia existe justamente para colocar em palavras assuntos que não cabem em palavras.

— Mas todas as palavras estão explicadas no dicionário! — exclamou o dicionário.

— Sim e não. O problema — disse o jovem — é que a palavra “amor” é muito vaga. Afinal, cada pessoa sente o amor de um jeito diferente. Além disso — continuou —, existem vários tipos de amor. Por exemplo, o amor entre um homem e uma mulher é diferente do amor entre um pai e um filho. O amor pelo trabalho é outra coisa. Amizade é um tipo de amor. A solidariedade também.

Deu um exemplo. Contou que cedo, naquele mesmo dia, quando estava vindo para a praia, encontrou um sujeito deitado na estrada. Era um velho. Percebeu que o coitado estava passando mal. Parecia muito fraco ou doente. Sentiu que devia ajudar. Aproximou-se. Pediu a ele que tivesse força. Pediu para ter calma. Segurou suas mãos. Mandou respirar fundo. Disse a ele que não precisava ter medo. Prometeu ficar perto. Perguntou se precisava de alguma coisa.

— Manga — balbuciou o velho.

O jovem correu, trepou numa árvore, pegou uma manga madurinha e deu para o outro chupar.

Segundo o moço, depois de um tempo, o velho sentiu-se melhor, levantou-se e agradeceu. Disse que aquela manga tinha feito bem a ele. Achava que estava morrendo, mas estava enganado. Agradeceu, abraçou o moço e foi embora.

— Foi ou não foi um tipo de amor? — perguntou o rapaz.

Um golpe de ar encheu de areia as páginas e as certezas do dicionário.

Foi quando o moço ficou em pé.

Uma mulher apareceu remando um barco vermelho. Usava maiô e era muito bonita. Sua cabeleira balançava solta brincando de fugir do vento.

O mar parou feito fotografia. Um arco-íris enfeitou o céu. As gaivotas pareciam desenhos fixados no ar.

O homem correu, mergulhou nas ondas e nadou até ela.

Depois, os dois se beijaram e partiram de barco, juntinhos, em direção ao mar imenso.



LIVROS DE GRANDE INTERÊSSE

Desenho e Pintura Cr\$ 10,00
Lapis, Arte e Técnica 10,00
Estilos Artísticos 10,00



Correio
Dicionário
Física
1ª v. ca 220,00
2ª v. 200,00
3ª v. 220,00
4ª v. 60,00

TIM
Resistência dos Materiais 160,00
Teoria das Estruturas 200,00

Manihot esculenta

5

O livro das palavras seguiu caminhando por um chão cada vez mais inesperado, cheio de tipos de terra misturados, areias, pedras, folhas e buracos, que alguns chamam “estrada de terra”. Foi tentando entender o tamanho e a forma que um amor pode ter.

Um fogo que arde sem se ver? Uma ferida que dói e não se sente? Um contentamento descontente? Não conseguia, nem de longe, encontrar nada parecido dentro das páginas de si mesmo.

— Justo eu, que tenho milhares de verbetes! — estranhou ele, pensativo.

Apesar disso, sentia-se bem.

Tinha sido delicioso descobrir a força bruta do mar, as ondas incontroláveis indo e vindo batendo na praia e aquele casal apaixonado.

“A paixão é parecida com o mar”, pensava o dicionário sem saber direito explicar como nem por quê.

A estrada de terra era cheia de subidas, descidas e curvas. Depois de uma longa descida, o livro viajante encontrou um casal de velhos.

Ele usava chapéu de abas largas e um paletó muito puído. Ela vestia uma saia comprida e tinha uma flor presa nos cabelos brancos, amarrados num rabo de cavalo. Fumava cachimbo. Os dois

conversavam sentados num barranco. Ele estava descalço. Ela usava sandália de plástico e meia.

O livro se aproximou. O velho perguntou se ele sabia as horas. O livro disse que sim.

— Horas são “segmentos de tempo equivalentes a sessenta minutos, e vigésima quarta parte de um dia solar ou do tempo em que o planeta Terra leva para girar em torno de si mesmo”.



O casal arregalou os olhos.

— Ô loco, sô! A gente só queria saber as horas, moço.

O dicionário explicou que sabia muito bem o que eram as horas, os minutos e os segundos, mas não usava relógio.

A mulher mudou de assunto. Contou que eles pararam ali para descansar. Pretendiam ir à missa, mas a igreja ficava longe.

O dicionário revelou que era um livro e que estava viajando para conhecer a vida e o mundo.

— Livro? — perguntou o homem. — Livro de histórias?

— Muito mais que isso! Sou um dicionário — respondeu estufando o peito e exibindo suas duas mil e tantas páginas.

O casal não sabia o que era um dicionário.

— Um dicionário — explicou o livro com voz orgulhosa e um tanto surpresa — é “o conjunto de vocábulos de uma língua, ou de termos próprios de uma ciência ou arte dispostos em ordem alfabética e que fornece, além de definições, informações sobre sinônimos, antônimos, ortografia, pronúncia, classe gramatical, etimologia etc.”.

O casal não entendeu nada.

— A gente é analfabeto — explicou a mulher.

O livro das palavras foi pego de surpresa.

— Mas, analfabeto, deixe-me ver aqui, é “aquele que desconhece o alfabeto; ou aquele que não sabe ler nem escrever”.

— A gente queria muito saber ler e escrever — confessou o homem.

O livro não podia acreditar:

— Vocês não sabem ler?

— Nem escrever — disse o velho de chapelão.

— Mas então vocês não sabem nada! — exclamou o dicionário.

— Como assim? — perguntou a mulher.

— Ué — disse o dicionário. — Se vocês não sabem ler nem escrever, vocês não sabem gramática, matemática, ciências, história, geografia... ou seja... vocês não sabem nada.

O casal trocou olhares.

— Ler, escrever, gramática e matemática a gente não sabe, não — reconheceu o velho.

— Mas sabe outras coisas — garantiu a velha.

— O que, por exemplo? — quis saber o dicionário.

O velho sorriu.

— Eu sei trabalhar na roça, sei preparar a terra e sei plantar e colher — disse ele. — Também sei construir casa, fazer telhado e levantar

cerca. Sei tratar de animais, ordenhar vaca, sei domar cavalo bravo, caçar, pescar, tanta coisa...

— E eu — disse a velha — sou cozinheira de mão-cheia.

— A mais melhor das redondezas — completou o velho.

— E sei costurar e lavar roupa, sei cuidar da horta, do galinheiro e da filharada. — E completou: — A gente tem nove filhos, dois morreram. O resto vingou, graças a Deus!

— Hoje tá tudo graúdo — completou o velho, com orgulho. — Cada homão e mulherão que dá gosto. A gente tem até neto!

O dicionário percebeu que sabia conversar mais sobre definições e lições e menos sobre assuntos banais do dia a dia, como amor, trabalho e vida em família.

— Se a gente for falar tudo que a gente sabe, moço — disse o homem —, a gente fica aqui o mês inteiro e não dá conta do recado. Por exemplo: eu canto e toco viola e até sei fazer viola. — E brincou: — E jogo baralho com os amigos.

A velha riu dando uma cotovelada no braço do marido.

— E eu sei ajudar as moças na hora de parir — disse a mulher. — Já botei mais de duzentas crianças nesse mundo de Deus. E sei fazer muito remédio com as plantas do mato.

O livro lembrou-se do homem apressado em busca de alguém que pudesse ajudar sua mulher a dar à luz.

— Fora isso — lembrou o velho —, a gente gosta de arrasta-pé.

— Arrasta-pé?

— É moço, a gente gosta de dançar samba.

Uma vaca mugiu ali perto.

— Meu velho sabe também um mundaréu de ditados.

— Ditados? — perguntou o dicionário. — Você quer dizer “provérbios, anexins, adágios”, ou seja, “frases curtas de origem popular, com ritmo e rima, que sintetizam um conceito a respeito da realidade ou uma regra social ou moral”?



O casal deu risada.

— Que jeito complicado de falar, seu moço — disse a velha. — Ditado pra nós é só um pensamento cheio de sabedoria sobre a vida da gente.

— É sabedoria da boa — completou o velho de chapéu —, senão não seria contada de boca em boca pelo povo desde os mais antigos até hoje.

— Diz um ditado aí pro livro ver — pediu a mulher.

O homem parou, coçou a cabeça, apertou os olhos e começou:

— “Antes magricela solto que gordo na prisão”. “Buraco velho tem cobra dentro”. “Cachorro de muito dono morre de fome”. “Cobra parada não come sapo”. “Em briga de pedra garrafa não entra”. “Galinha velha não escolhe minhoca”. “Laranja madura na beira da estrada ou é azeda ou tem marimbondo”. “Mais vale um hoje do que dois amanhã”. “Quando o rico mata o pobre o defunto é que vai preso”. “Quem está de fora sempre joga melhor” ou “Quem senta na garupa não pega na rédea”.

O velho riu.

— Tem muitos — explicou ele. — Tudo pensamento sobre a vida prática do dia a dia de toda a gente.

Na verdade, eram tantas e tão boas ideias que o dicionário ficou até zozzo.

— Essa velha — disse o homem apontando a mulher — é melhor que eu quando inventa de contar história.

O dicionário não entendeu.

— Ela sabe contar histórias? — surpreendeu-se ele. — Mas como, se ela nem sabe ler?

— Vige! — respondeu ela. — As histórias que eu sei aprendi da minha avó, que aprendeu com a avó dela. Também aprendi por aí escutando de outros contadores — disse ela. — É só sair por aí e prestar atenção que sempre surge alguém com uma história. O mundo está assim de história boa.

— É do mesmo jeitinho dos ditados — explicou o velho. — A gente aprende de boca em boca e só ficam na memória porque são bonitas e falam sobre as coisas da vida. — E voltando-se para a mulher: — Conta uma história pro livro ver — pediu, acendendo um cigarrinho de palha.

O livro das palavras acomodou-se no barranco.

A velha colocou mais fumo no cachimbo, acendeu, deu uma longa tragada e, durante um tempo, soltou os olhos no espaço. Sua voz veio grossa e mansa:



Era um viajante pobre que nem só ele. Assim que nem nós.

O velho riu.

O viajante vinha andando pela estrada cheio de cansaço e fome.

Foi, foi, foi e encontrou uma casa. Era quase hora do jantar. Pela janela vinha um cheirinho bom de comida.

O viajante bateu na porta. Apareceu uma mulher. Perguntou o que era.

— Dona, tô andando desde manhãzinha sem comer nada — explicou o viajante. — Tô morrendo de fome. Daria pra senhora me arranjar um bocadinho de comida?

A mulher era pão-dura. Fez cara de santa e mentiu:

— Não vai dar. Hoje nem vou jantar. Estou sem nada de comida em casa.

O cheiro gostoso que vinha da janela dizia outra coisa.

— Não faz mal — respondeu o viajante sorrindo e sacudindo os ombros. — Quando tem, tem, quando não tem, não tem, fazer o quê. É ou não é? Eu dou um jeito. Estava mesmo pensando em preparar uma sopa de pedra.

A mulher coçou a cabeça.

— Sopa de pedra?

— Nunca comeu? — perguntou o viajante fazendo cara espantada. — A senhora vai me dizer que nunca experimentou uma sopa de pedra?

E o homem desembestou a falar. Disse que a sopa de pedra era isso e aquilo. Que era a sopa mais gostosa que existia. Que era comida de gente fina. Que na cidade grande era o que mais se comia.

— É a coisa mais deliciosa do mundo! E ainda por cima alimenta mais que vitamina — completou ele.

E pediu:

— Daria pra senhora me emprestar uma panela?

A dona da casa estava curiosa. Foi lá dentro e voltou com uma panela.

O viajante encheu a panela de água, preparou uma fogueira, acendeu e colocou a panela pra ferver.

Depois, começou a escolher pedras no chão. Escolhia a dedo. Examinava uma por uma.

— Essa é uma delícia — dizia ele. — Essa não presta. Essa é dura. Essa é uma coisa de louco de tão gostosa.

Ia separando as boas, limpando e atirando dentro da panela.

A mulher, admirada, olhava, olhava e olhava.

Quando a água começou a ferver, o viajante pediu:

— *Daria pra senhora me arrumar uma colher e um tantinho de manteiga?*

A mulher foi lá dentro e voltou com a colher e a manteiga.

O viajante colocou a manteiga na água, começou a mexer a sopa de pedra com a colher e pediu:

— *Daria pra senhora me arrumar um tiquinho de sal?*

A mulher foi lá dentro e voltou com o sal.

O viajante foi mexendo a sopa com o sal. E pediu:

— *Daria pra senhora me arrumar um pouquinho de cheiro-verde?*

A mulher foi lá dentro e voltou com o cheiro-verde.



O viajante foi mexendo a sopa com o cheiro-verde. E pediu:

— *Daria pra senhora me arrumar uma rodelinha à toa de cebola?*

A mulher foi lá dentro e voltou com a cebola.

O viajante foi mexendo a sopa com a cebola. E pediu:

— Daria pra senhora me arrumar batata e chuchu?

A mulher foi lá dentro e voltou com a batata e o chuchu.

O cheiro da sopa de pedra ficava cada vez melhor.

O viajante foi mexendo a sopa com a batata e o chuchu. E pediu:

— Daria pra senhora me arrumar um pedacinho de linguiça e um punhado de arroz, só para dar gosto?

A mulher foi lá dentro e voltou com a linguiça e o arroz.

O viajante misturou tudo e pediu, se fosse possível, um prato de sopa.

A mulher trouxe e o homem se serviu.

O perfume da sopa de pedra estava bom demais. A mulher ficou com água na boca.

O sujeito tomou tudinho. No fundo da panela só ficaram mesmo as pedras.

— Ué, mas... e as pedras? — perguntou ela.

O viajante lavou as pedras e guardou no saco.

— Vou levar as danadinhas comigo para uma próxima vez.

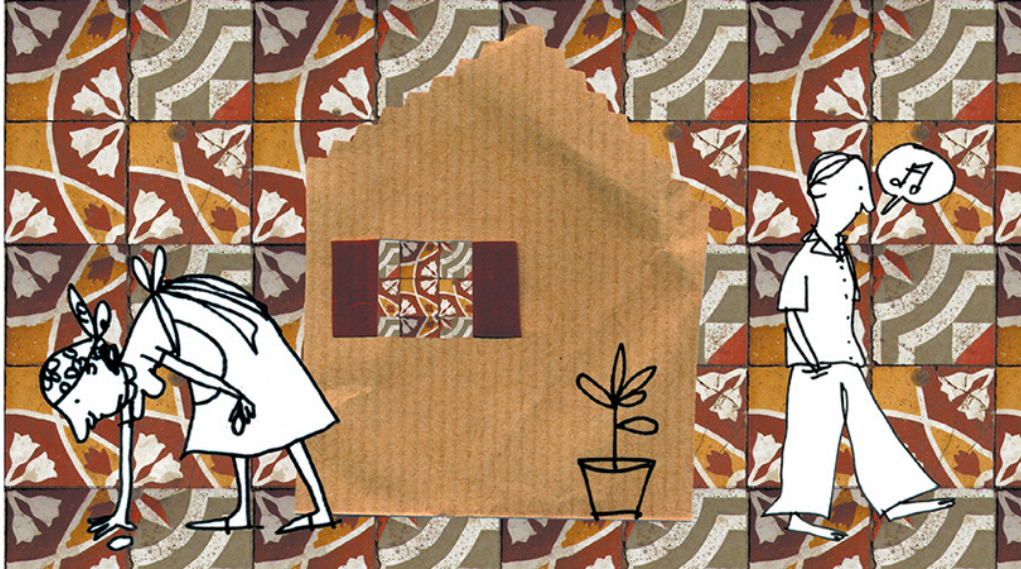
Tirou o chapéu, agradeceu e foi embora todo contente, com a pança roncando, redonda de tão cheia.

A mulher, unha de fome, ficou só olhando e pensando...

— Entrou pela perna do pato, saiu pela perna do pinto, se alguém gostou da história, venha aqui e conte cinco — disse a mulher concluindo a narrativa.

Pela primeira vez na vida, o dicionário bateu palmas.

O velho de chapelão examinou a luz do sol. Disse que agora era melhor ir andando senão chegavam atrasados à missa.



O livro das palavras despediu-se com os ditados e com a história contada pela velha na cabeça.

Foi andando e pensando.

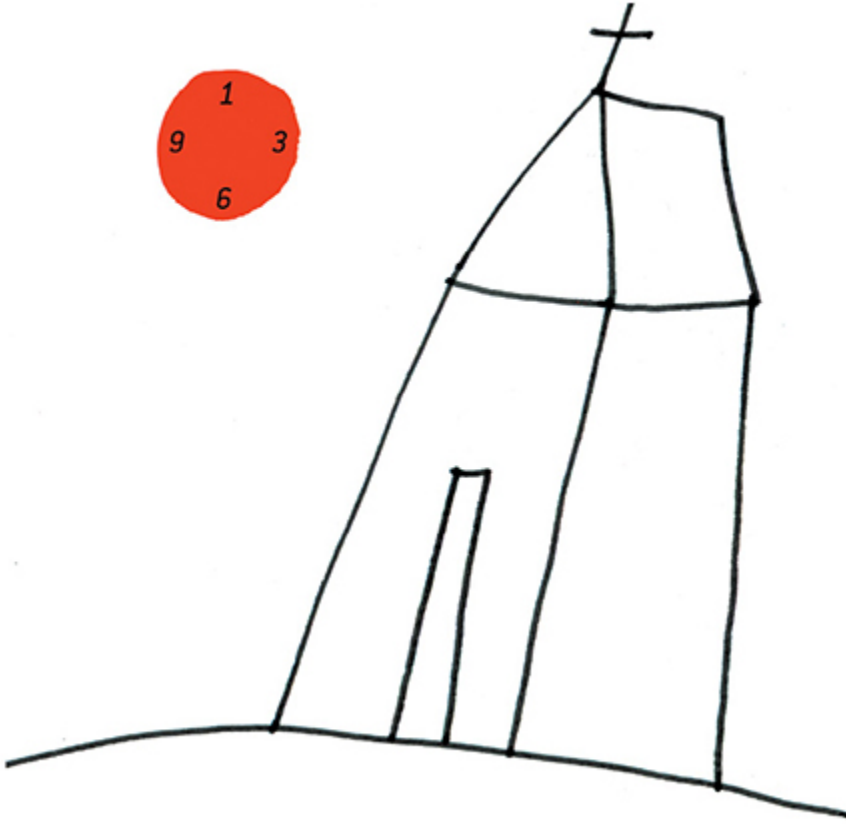
Tinha todas as palavras dentro dele e, no entanto, não tinha nem sabia contar história nenhuma.

Por outro lado perguntava-se como aquela mulher que não sabia ler nem escrever podia conhecer uma narrativa tão bonita.

E mais: o viajante da sopa de pedra tinha enganado a dona de casa.

Aquilo, segundo suas páginas, era um truque, um ardil, uma esperteza, um tipo de malandragem.

— O mundo é realmente cheio de truques, surpresas, acasos e outros inesperados — pensou o livro das palavras entusiasmado.





6

O céu azulado desbotou e começou a ficar cinza meio roxo avermelhado. O sol já não conseguia bater com a força de antes. Uns sopros frios ventavam de quando em quando. Os pássaros pareciam apressados esperando alguma coisa. Devagarinho, a luz do céu foi ficando mais fraca.

O dicionário sabia o que era noite e dia, manhã e tarde, amanhecer e entardecer. Mas nunca na vida tinha parado para espiar como eram bonitas, coloridas e surpreendentes essas mudanças do tempo.

O livro seguiu em frente, saiu da estradinha de terra e pegou uma rodovia asfaltada, estreita e cheia de curvas.

Mais adiante, cruzou com um grupo de pessoas. Na verdade era um casal jovem cercado de crianças de várias idades. Andavam e conversavam animadamente.

— Pai, mãe! — gritou um dos meninos. — Olha lá um livro!

As crianças atravessaram a estrada correndo e cercaram o dicionário.

— Sou um dicionário — disse ele. — Resolvi viajar para conhecer a vida e o mundo.

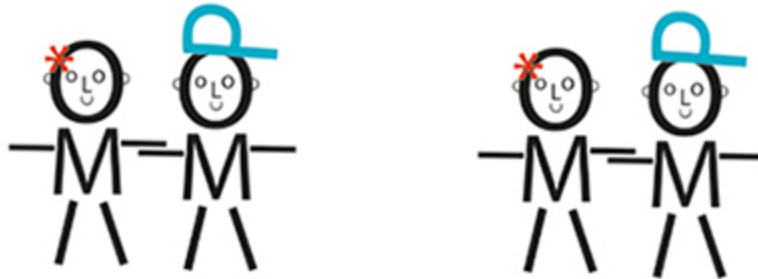
— A gente também é viajante — contou o homem. — Vai indo pra onde?

— Estou indo por aí — respondeu o livro.

— A gente também — comentou a mulher.

— A gente cansou de ver tanta injustiça no mundo e resolveu fazer alguma coisa — completou o homem.

— Nosso plano — explicou a mulher — é acabar de vez com as crianças abandonadas.



O dicionário sabia o que era “criança” e o que era “abandonada”, mas não que existiam “crianças abandonadas”.

— É essa criançada que não tem pai, nem mãe, nem casa, nem família, nem escola, nem comida e fica jogada na rua pedindo esmola por aí — explicou a mulher. — Nunca viu, não?

O livro das palavras ainda não tinha reparado nisso.

— É uma pouca vergonha! — exclamou o rapaz, indignado. — As crianças são o futuro, pois vão ficar no nosso lugar quando a gente ficar velho e morrer. São elas que vão levar o mundo adiante!

— Criança maltratada, triste e sem esperança é o mesmo que futuro maltratado, triste e sem esperança — completou a mulher.

— São seus filhos? — perguntou o dicionário examinando aquele bando de crianças.

— São — respondeu o homem. — Uns do mesmo sangue. É o Tonho, de sete anos, o Zeca de cinco e a Mariana de três. O resto é filho que a gente ganhou do mundo e pegou pra cuidar. É o Chicão de

quinze, o Giovane de treze, a Rosileia de onze, a Jandira de onze, o Pauleco de nove, o Akira de nove, o Ditão de oito, o Juvenal de sete, a Conceição de sete, o Pedro de cinco, o Apoena de quatro...

— Cinco! — corrigiu o garoto com cara de índio bravo.

— O Apoena que fez cinco ontem, o Vavá de quatro e a Neizinha de três...

— Ontem a gente comeu bolo de chocolate — contou a Neizinha.

O homem sorriu:

— Pra gente é tudo filho, é tudo irmão da mesma família — completou ele.

— Sem contar a Maria ou o João, que ainda está aqui dentro — contou a mulher sorrindo e apalpando a barriga.

O dicionário quis entender melhor o plano daquele casal.

— A ideia — disse o homem — é pegar as crianças abandonadas que a gente encontrar pelo caminho e convidar pra andar pelo mundo com a gente.

— De manhã a gente anda — explicou a mulher. — À tarde a gente ensina eles a ler, escrever e fazer contas. — E esclareceu: — Antes de casar eu era professora. O ideal era essa criançada estar matriculada na escola, mas do jeito que a gente vive não dá. Melhor ter aula comigo que ficar por aí largada na rua...

— Enquanto ela dá aula — disse o homem — eu procuro algum serviço pelo caminho. Faço qualquer coisa: sou jardineiro, sei pintar parede, já trabalhei de pedreiro, já fui encanador, fui frentista, se precisar carrego peso. A gente se vira como pode e sempre dá pra tirar um dinheirinho...

— Até agora, em todo lugar que a gente foi, sempre teve alguma ajuda: ou deram comida, deram roupa ou um lugar pra passar a noite.

Agora mesmo, a gente tomou banho num posto de gasolina aqui perto. O dono foi boa gente: deixou usar o banheiro e ainda deu um sanduíche e um suco pra cada criança...

O dicionário continuava cheio de dúvidas.

— Mas pra que tudo isso?

— Se a gente não tiver um pouco de esperança, se a gente não fizer alguma coisa, nada vai mudar no mundo — respondeu o moço sorrindo. — Depois, quando a criançada crescer, cada um vai estar pronto pra construir seu caminho.

— No fim, tudo dá certo — disse a moça. — Se não deu certo, é porque não chegou no fim.

— Isso é um ditado? — perguntou o dicionário.

— É — respondeu a moça.

O livro fez cara de sabichão.

O marido avisou:

— Acho que a gente vai ficando por aqui. A noite já vem vindo. — E voltando-se para a mulher: — Vamos pedir pousada naquela casa ali embaixo?

O dicionário se despediu e seguiu viagem. Foi se afastando e escutando a conversa do pai com os filhos:

— Tá na hora da lição de matemática.

— Oba! — gritaram as crianças.

E o pai começou:

— Um mais um?

— Dois, mas com cara de pum! — gritaram todos.

— Dois mais dois?

— Quatro faz gato e sapato!

- Três mais três?
- Seis tomam banho uma vez!
- Quatro mais quatro?
- Oito cadê meu biscoito!
- Cinco mais cinco?
- Dez vem lambar os meus pés!
- Seis mais seis?
- Doze e dois beijos da Rose!
- Sete mais sete?
- Catorze, mas deixa de pose!
- Oito mais oito?
- Dezesesseis pra beijar outra vez!
- Nove mais nove?
- Dezoito quero outro biscoito!
- Dez mais dez?
- Vinte pra conta seguinte!

A criançada estudava e se divertia com aquela mistura de matemática, brincadeira e poesia.

O dicionário não entendeu qual era a graça, mas afastou-se pensando muito na palavra “esperança”.



7

Mais tarde, saiu da estrada estreita e enfrentou uma rodovia asfaltada de mão dupla. Caminhões passavam em fila rosnando ameaçadores.

No fim da rodovia, havia uma cidade grande e cinzenta que ocupava o horizonte de ponta a ponta.

Pessoas apressadas cruzavam calçadas examinando relógios.

Automóveis, ônibus, motocicletas e caminhões passavam galopando desembestados, brecando, acelerando, buzinando e disputando espaços nas ruas.

Vozes saíam de alto-falantes anunciando produtos, prometendo e oferecendo serviços.

Cartazes coloridos pisca-piscavam aqui e ali.

Uma fumaceira escura soprava em todas as direções.

“Trata-se de uma autêntica metrópole”, pensou o livro das palavras, uma “capital ou cidade principal de país, estado ou província”.

Foi andando e, enquanto andava, observava a metrópole.

Nunca tinha visto de perto uma cidade tão grande, apesar de conhecer a palavra metrópole desde nascença.

Logo adiante, numa esquina, em frente a um hospital, havia um aglomerado de pessoas. Um carro da polícia estava estacionado com as

portas abertas e as luzes piscando. Um homem discutia com dois policiais. Passantes, desocupados e curiosos assistiam à cena. O dicionário também foi ver.

Um dos guardas dizia:

— Infelizmente, vou ter que apreender o veículo e recolher sua carteira de habilitação.

— Mas seu guarda — respondeu o homem —, será possível que vou ter que explicar tudo de novo? Cruzei o sinal fechado porque não tinha outro jeito...



— O senhor cruzou o sinal fechado e ainda por cima estava a 123 quilômetros por hora dentro do perímetro urbano e isso é proibido por lei.

— Sem falar que estacionou o veículo em local proibido — completou o outro guarda.

— Mas vocês queriam o quê? — perguntou o homem. — Estava levando uma pessoa ferida para o pronto-socorro!

O grupo de pessoas em volta aumentava cada vez mais. O dicionário tentava acompanhar a conversa.

— Não posso fazer nada — disse um dos guardas anotando a placa do carro. — Leis existem para serem cumpridas. O senhor guiava desobedecendo às regras de trânsito e...

Uma senhora de óculos interrompeu o guarda:

— Mas se havia uma pessoa ferida necessitando atendimento médico, ele não tinha outra saída...

Um jovem vestido de preto, com a cabeça raspada, corpo de halterofilista, braços tatuados e uma argola presa no nariz entrou na conversa:

— É, mas se cada um começar a fazer o que quiser isso aqui vai virar bagunça...

— Como assim? — perguntou o motorista.

— Ué — respondeu o jovem —, uma hora é alguém a 120 levando gente pro hospital, outra é porque o banco vai fechar às quatro e a pessoa está atrasada precisando pagar uma conta, na outra um sujeito está com pressa porque, sei lá, está com saudade da namorada ou não quer perder o jogo na televisão. Assim não dá...

— Exatamente por isso existem as leis! — exclamou o guarda preenchendo a multa com sua esferográfica de tinta vermelha —, senão a cidade virava uma tremenda confusão, cada um andando na velocidade que quer e fazendo o que der na telha...

Todo mundo falava ao mesmo tempo.

O dicionário sabia o que é “dar” e sabia o que é “telha”. Ficou tentando compreender o que poderia ser “dar na telha”.

— Sou a favor da liberdade total — disse um homem pálido de terno escuro, gravata apertada e cabelos penteados para trás. — Pra mim, quer andar a 120 na cidade? Anda. Quer sair pelado na rua? Sai. Quer

plantar bananeira? Planta. Quer chutar o pau da barraca? Chuta. Qual o problema? Cada um devia ser livre para fazer o que quisesse.

— Mas isso seria a liberdade sem responsabilidade — respondeu o jovem careca de camiseta preta. — Não vai dar certo nunca. Ia virar uma guerra de todos contra todos!

Um carro da polícia passou tocando a sirene a mais de 120 quilômetros por hora.

— Tá vendo? — disse o homem pálido. — Até a polícia anda por aí a mil por hora.

Os guardas não gostaram.

— Espera um pouquinho! — disse um deles. — A missão da polícia é proteger os cidadãos e tomar conta da cidade. Para isso tem que correr atrás de bandidos e fazer serviços que às vezes são muito urgentes!

— Mas levar uma pessoa doente pro hospital é muito urgente! — argumentou o motorista.

O dicionário escutava a discussão e ao mesmo tempo pensava na expressão “chutar o pau da barraca”.

Um senhor de cabeça branca pediu a palavra.

— Sem dúvida existem leis e, em princípio, elas devem ser sempre cumpridas. É preciso lembrar, porém, que podem surgir situações inesperadas. Por exemplo, todo cidadão gravemente ferido — continuou ele — tem direito de ser levado ao pronto-socorro com urgência. Isso pode exigir a quebra de algumas regras do trânsito. Esse motorista — completou ele olhando para os guardas e, em seguida, para todos —, esse motorista é um herói. Teve a coragem de quebrar as leis do trânsito para salvar uma vida humana. Não devia ser multado, mas sim condecorado!

— Mim com corda! — exclamou um homem loiro com sotaque de alemão.

— Chega de conversa mole — interrompeu o guarda. — Lei é lei, somos policiais e nossa função é fazer com que a lei seja cumprida doa a quem doer, custe o que custar.

— O senhor está multado e sua carteira apreendida — completou o outro guarda dirigindo-se ao motorista. — Além disso, seu carro será guinchado.

— Isso é um absurdo! — gritou uma mulher com uma criança no colo. — Queria ver se a vítima fosse sua filha!

— O que adianta cumprir a lei e matar uma pessoa? — perguntou um mendigo deitado na beira da calçada.

Atordoadado com tantos e tão bons argumentos, o dicionário não conseguia ter certeza de nada. Verificou que uma lei, segundo suas páginas, é uma regra que deve ser obedecida por todos e, caso seja descumprida, seu infrator precisa ser punido.

A discussão fervia e tinha de ferver mesmo.

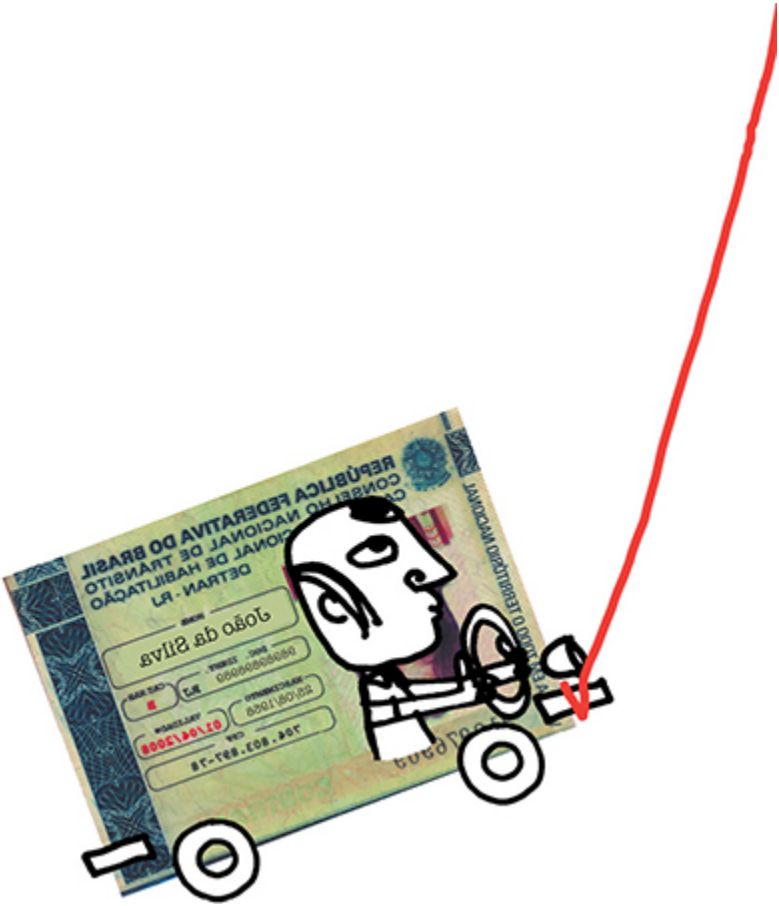
Alguém argumentou que a 120 por hora dentro da cidade outras pessoas corriam sério risco de ser atropeladas.

— Sem falar nos coitados dos cachorros — disse um menino carregando um cachorrinho risonho.

O livro das palavras percebeu que aquela conversa ia longe e ele precisava conhecer mais coisas da vida e do mundo. Resolveu que estava na hora de seguir seu caminho.

Foi, mas foi confuso. Tinha descoberto que, na vida real, as coisas nem sempre acontecem conforme as regras e que, por vezes, quebrar regras pode ser tão certo ou até melhor do que segui-las.

Por incrível que pareça, ali, naquela conversa, pensou o dicionário, todos discordavam e, ao mesmo tempo, todos tinham razão!



Era quase noite. O movimento da cidade parecia longe de terminar.

No meio daquela barafunda, o dicionário andava, pensava e observava pessoas apressadas indo, voltando, vindo, partindo, chegando e saindo.

De repente, sentiu uma sombra no ar. Era uma sola de sapato aproximando-se perigosamente. O dicionário bem que tentou esquivar-se e saltar de lado, mas não conseguiu e acabou sendo pisoteado.

O dono do sapato, um homem magro, alto e careca, usava meias brancas e um bigodinho ralo escorrendo pelos cantos da boca.

Parecia uma pessoa ao mesmo tempo afobada e gentil.

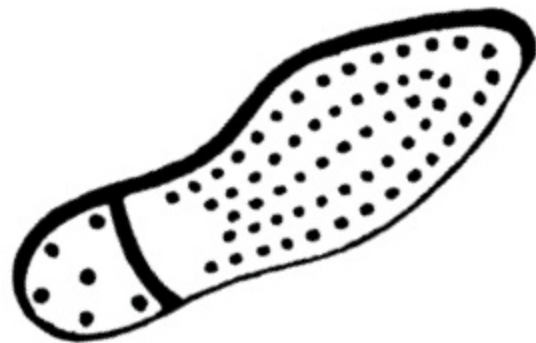
— Ora, ora, ora, vejam só! — disse ele, pronunciando as palavras de modo exagerado, acentuando os erres, feito esses locutores de futebol. — Um livro sem pai nem mãe no meio da rua da amargura! — E foi logo avisando: — Que é isso, companheiro? Cai fora, senão leva uma trombada, vai para o beleléu e acaba se ferrando de verde e amarelo!

Ainda atordoado e com a capa amarrotada, o dicionário não conseguiu entender nada.

— Acabar me ferrando de quê? — perguntou sem compreender.

— Se ferrando de verde e amarelo — explicou o homem — quer dizer... entrando pelo cano!

O livro das palavras estava espantado.



— Mas... ferrar quer dizer “pregar ferro ou colocar ferradura”. Por outro lado, cano quer dizer “cilindro oco e longo, de metal, madeira, plástico etc. para conduzir especialmente gases e líquidos”.

O dicionário olhou em volta:

— Aqui não tem nem ferreiro nem cano nenhum!

— Não? — exclamou o homem, deixando escapar um sorriso por debaixo do bigodinho. — Quem espera sempre alcança! Quem planta colhe! Quem procura acha! Quando um caminhão basculante carregado até a boca de cimento passar com tudo por cima da sua capa vai ver o tamanho do cano em que você entrou!

O dicionário continuou na mesma.

— E digo mais — prosseguiu o homem afobado e gentil. — Quem se ferra de verde e amarelo entra pelo cano, quem entra pelo cano se estrepa e quem se estrepa... — e aí o careca de bigode soltou uma sonora gargalhada — entra bem!

— Entra bem?

O dicionário sabia o que era “entrar” e sabia o que era “bem”.

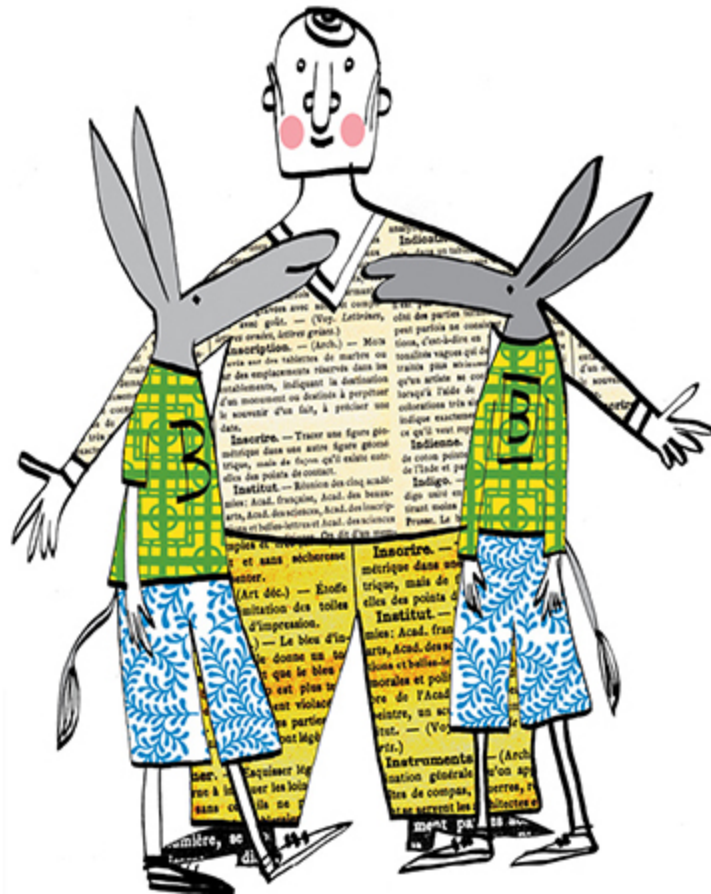
— Mas... entrar bem... — perguntou confuso — é... bom ou ruim?

O homem arregalou uma das sobrancelhas.

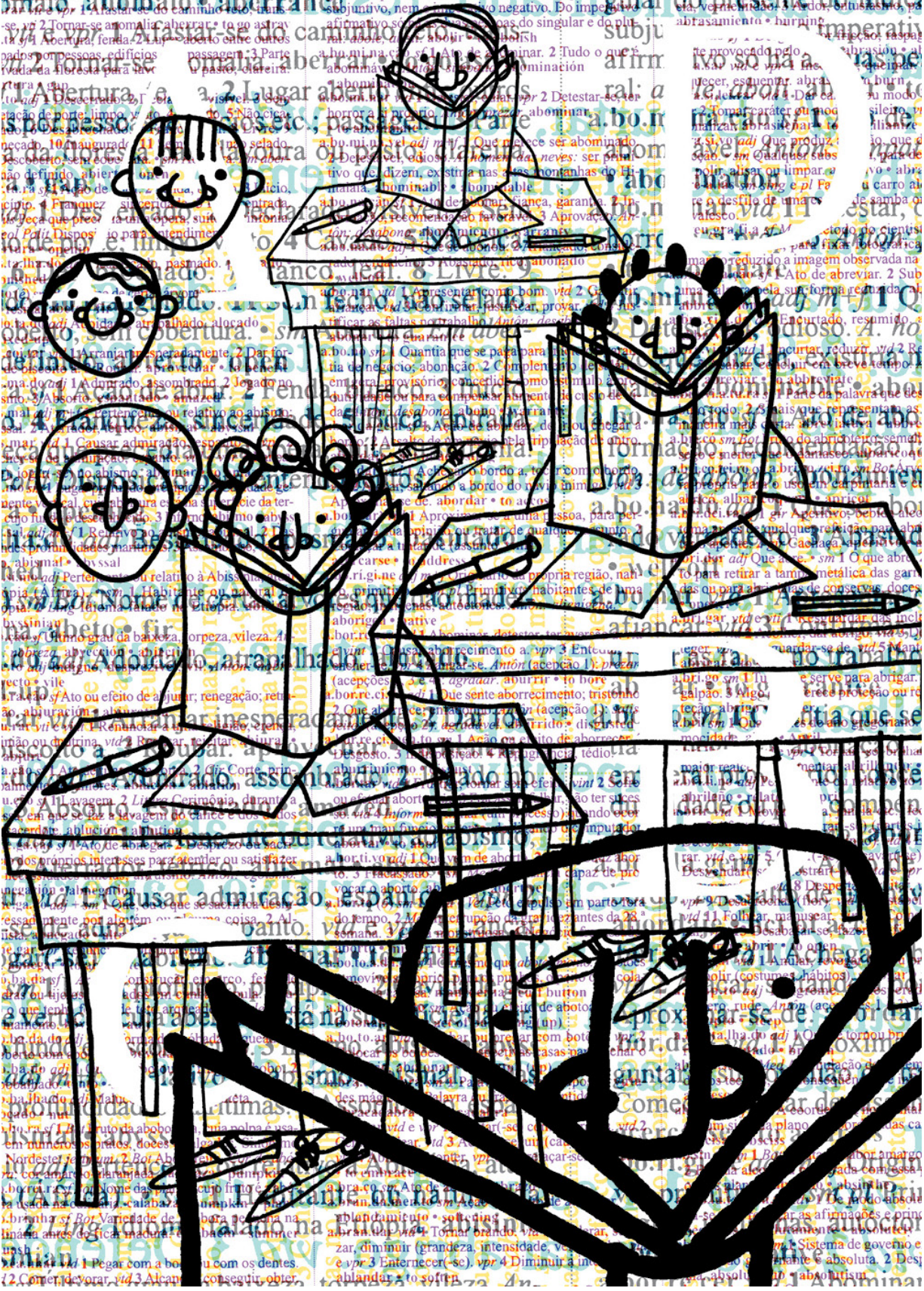
— Cacilda! Esse pai dos burros deve estar com um parafuso a menos!
Essa obra-prima deve ter miolo mole! Esse triste volume deve ser lelé da
cuca! Esse volume impresso é pancada da cabeça!

Disse isso, deu um rodopio e partiu apressado, batendo com o dedo
na testa.

— Quem é Cacilda? — perguntou o dicionário aos gritos. — Quem é
esse tal de pai dos burros? Pancada em que cabeça? O que significa tudo
isso?



anãmo, anquilo, aberrance...
se, 17 2 Tornar-se anomalia, aberrar-se, to go astray
18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29 30 31 32 33 34 35 36 37 38 39 40 41 42 43 44 45 46 47 48 49 50 51 52 53 54 55 56 57 58 59 60 61 62 63 64 65 66 67 68 69 70 71 72 73 74 75 76 77 78 79 80 81 82 83 84 85 86 87 88 89 90 91 92 93 94 95 96 97 98 99 100



Livros, de um modo geral, são discretos e sabem domar suas emoções.

Daquela vez, o dicionário não conseguiu.

As lembranças iam e vinham desencontradas feito ondas do mar. As palavras do livro de histórias. A espantosa diferença entre a palavra “árvore” e uma árvore plantada no chão. O menino usando o próprio corpo para conversar. O homem que queria aprender a fazer partos. O doido varrido. O velho caído na curva da estrada. O amor do casal apaixonado. Os dois velhinhos descansando no caminho da missa. O casal cheio de filhos e de esperança que queria mudar o mundo. A complicada discussão do motorista com os guardas de trânsito e, agora, para piorar, aquele estranho personagem afobado e gentil que simplesmente não falava coisa com coisa.

O dicionário sabia o que era um “ataque” e sabia o que eram “nervos”, mas nunca antes na vida tinha sofrido um ataque de nervos.

E sofreu mesmo. Perdeu o controle. Saiu pelas ruas gritando e correndo em ziguezague. Deu cambalhotas e piruetas sem sentido. Atravessou a rua sem querer saber se vinha carro. Caiu numa poça-d’água de propósito, entrou de capa numa parede, sentiu dentro de suas páginas uma vontade imensa, inesperada, estranha e, até então, desconhecida de chorar.

Mas é preciso ser honesto. A culpa de tanta aflição não era nem de longe do tal personagem de bigodinho e meias brancas que falava atrapalhado.

A verdade verdadeira é que o dicionário sempre tinha acreditado que sabia tudo. Era dele a triste frase: “Eu sou o livro das palavras! Tanto faz se essa biblioteca pegar fogo. Eu escapando, tudo bem...”.



Durante sua viagem, tinha descoberto a enorme diferença existente entre as palavras escritas no papel e as mesmas palavras acontecendo de verdade na vida real. Agora sentia-se confuso, vazio, inseguro e abalado.

Foi essa a razão do ataque de nervos: de repente, o dicionário começou a sentir-se um inútil. “De que serve ter quase duas mil e tantas páginas?”, perguntava ele a si mesmo. “De que serve guardar milhares e milhares de palavras dentro do corpo se elas não prestam para nada?”

Eram pensamentos de dor, angústia, desalento e escuridão: “Para que eu existo, se não sei nada sobre a vida, a morte e o amor? Se não posso ajudar ninguém nem a fazer um simples parto? Se existem tantas palavras que não compreendo? Se não sei contar histórias nem piadas e, muito menos, conheço um poema bonito para recitar?”.

Um calafrio atravessou sua capa dura:

— Não passo de um pobre livro inútil e fracassado!

Foi quando sentiu dedos em torno de sua capa. E escutou uma voz.

— Que baita sorte! — disse um rapaz para a moça ao seu lado. — Tenho exame na faculdade e esqueci meu dicionário em casa. Vou

pegar este aqui emprestado.

E assim, sem mais nem menos, quem achava que não servia para coisa nenhuma viu-se numa sala de aula cheia de gente silenciosa e concentrada escrevendo.

Sentado à mesa, o professor examinava a classe.

— O único livro de consulta permitido na prova é o dicionário — avisou ele.

Aquelas lindas palavras entraram como uma doce vitamina no coração cansado de sofrer do livro. Uma chama de amor-próprio renasceu das cinzas de suas muitas, muitas e muitas páginas.

E como aquelas páginas foram consultadas!

O universitário quis saber o que era beldroega. O dicionário sabia. Procurou um sinônimo para paradoxo. O dicionário tinha. Tentou descobrir o que era obnubilado. Descobriu. Foi atrás da palavra verborreia. Achou. Quis saber o contrário de escarafunchar. Soube. E de iconoclasta. Também. Essas e muitas e muitas outras palavras difíceis como, por exemplo, alegoria, peripatético, nefelibata, catacrese e flatulência.

No fim, o rapaz entregou a prova e, feliz da vida, foi colocar o dicionário no local onde o havia encontrado.

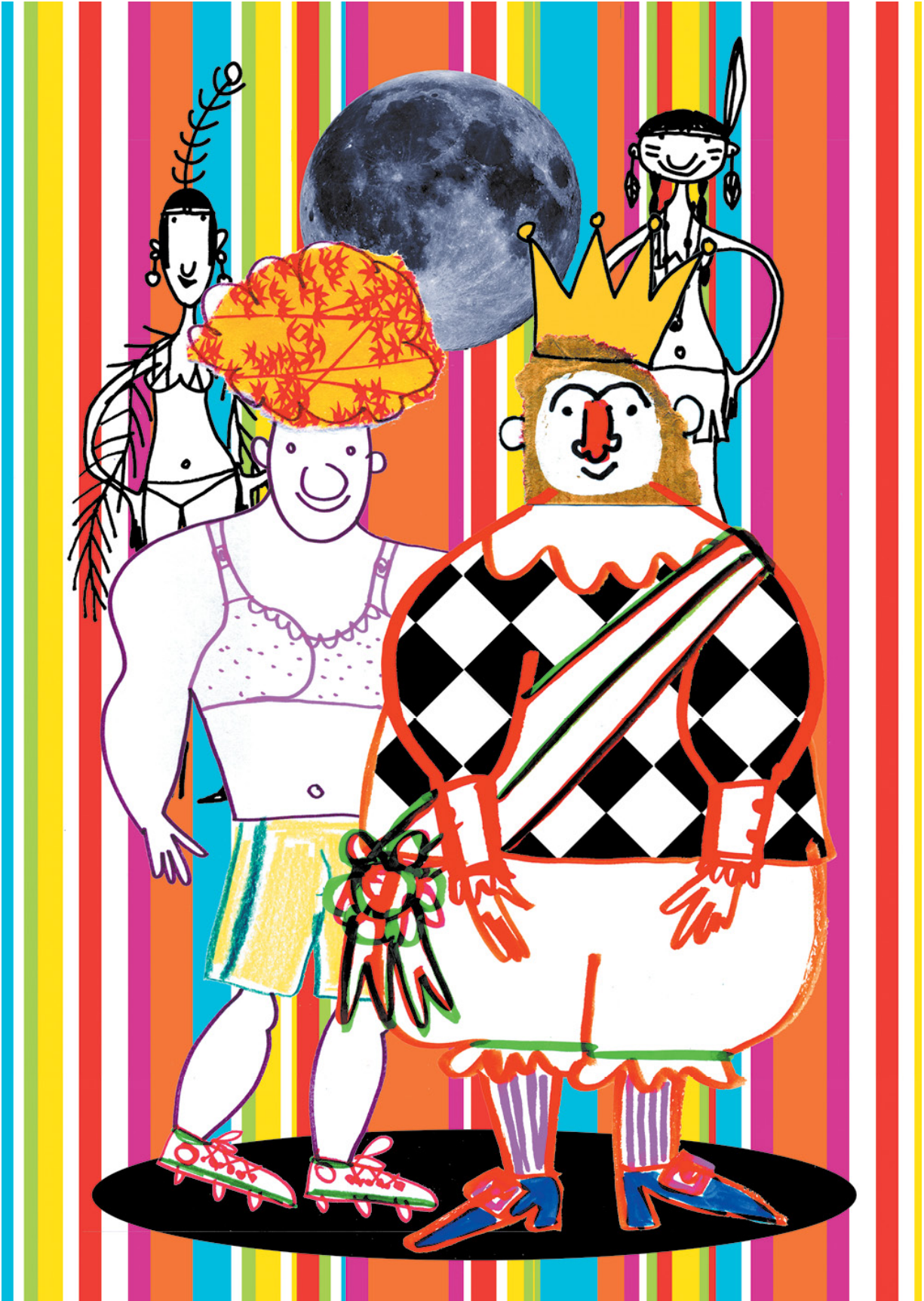
— Vou deixar você aqui, pois seu dono com certeza vai aparecer logo. Ninguém vive sem um bom dicionário.

Antes de partir, abraçou o livro e beijou várias vezes sua capa dura.

— Fui bem no exame graças a você! — confessou ele. — Sem sua ajuda eu estaria sem pai nem mãe na rua da amargura. Você é um livro mais do que importante. Nem o maior sábio do mundo conhece todas as palavras que existem e você tem todinhas guardadas aí dentro. — E completou: — Você é o máximo! Muito obrigado!

O dicionário só não chorou porque não tinha nem olhos, nem lágrimas, nem nada.





10

A essas alturas, a noite já tinha pousado sobre a cidade.

O movimento das ruas, finalmente, diminuiu.

O livro das palavras ficou perambulando à toa e feliz pela cidade. Notou que as ruas estavam escuras e, ao mesmo tempo, iluminadas.

Passos surgiram na calçada. Vozes. Gente rindo e cantando. Tambores tocavam cada vez mais alto.

Um homem imenso e gordo, com uma coroa na cabeça e o rosto pintado de branco, saiu da escuridão. Atrás dele, um negro musculoso com uma peruca loira, sutiã, calção de jogador de futebol e chuteiras, seguido por duas mulheres quase despidas.

O grupo parou diante do dicionário.

O gordo de coroa fez uma reverência respeitosa e perguntou:

— O ilustre cavalhinho baixeiro vai com a gente?

— Cavalhinho baixeiro?

— Perdão — disse o gordo —, eu quis dizer cavalheiro baixinho.

O homem só podia estar falando com outra pessoa.

O livro das palavras olhou para trás. Olhou para os lados. Além dele, por ali, não havia mais ninguém.

Uma das moças, trajando um biquíni quase invisível, chegou perto toda risonha:

— Bacana essa ideia! — comentou ela.

— Bacana? — perguntou o dicionário. — Que ideia? Como assim?

— Você é anão?

— O quê?



— Pra caber aí dentro ou é anão ou uma criança deste tamanho — disse o negro.

— Caber onde?

O dicionário já estava se acostumando a não entender nada.

— Na fantasia — respondeu a mulher. — É abafada?

— Fantasia?

A lua impicante sorria gostosa nos ares do céu.

— Um momento! — exclamou o livro das palavras, procurando na letra F. — Fantasia significa: “1. Imaginação. 2. Obra da criação da imaginação. 3. Capricho, esquisitice, excentricidade. 4. Vestimenta usada pelos carnavalescos e que imita palhaços, tipos populares, figuras...”. Mas gente... isto não é fantasia! — gritou ele. — Eu sou um livro! Um livro de verdade! Sou um dicionário!

O grupo trocou olhares irônicos. O homem gordo de coroa abriu os braços e declarou:

— E eu sou o famosíssimo digníssimo excelentíssimo ilustríssimo senhoríssimo doutoríssimo presidentíssimo da república em carne e

osso!

— Bem mais carne do que osso — comentou uma das moças.

Todos caíram na risada.

— Chega de papo-furado — exclamou o negro de peruca. — Vam'bora?

— Papo-furado? — perguntou o livro acompanhando meio sem querer o grupo, que seguiu cantando animado:

Eles: — *Quem é você?*

Elas: — *Adivinha, se gostas de mim.*

Todos: — *Hoje os dois mascarados*

Procuram os seus namorados

Perguntando assim...

O grupo de foliões foi parar numa praça enfeitada e cheia de gente.

Ao som de violões, cavaquinhos, pandeiros, tamborins, surdos, atabaques, timbas, reco-recos, ganzás e cuícas, cantaram e dançaram e brincaram e batucaram até o romper da madrugada.





OMODORI PELATI
IN SUCCO DI POMODORO
MATES PELADOS
COM SUCO DE TOMATE

ANVARE & C. S.P.A.
Industria Conserve Alimentari
Sede e Stab. Castel S. Giorgio (SA) - ITALY
Fraz. S. Maria a Favore
Tel. 081 / 5161376 - Fax 081 / 5161381
Sito Internet: www.anvare.it

Zona Sul Rua do Rio, por. Penha
Rio de Janeiro - RJ Tel. 21 - 2309-1212
CNPJ: 33.381.286/0001-51

PRODOTTO IN ITALY

400g
consumarsi preferibilmente entro il:
consumir preferiblemente entre:
31.12.2005
fabricação e validade entre:
31.12.2005
ES: INGREDIENTES: TOMATE, SAL, ACIDO CITRICO / EMERSON, ACIDO ASCORBICO / VALOR, PROTEINAS
PROTEINS
CARBOIDRATI / CARBOHYDRATES
GLUCIDES / CARBOHYDRATES
GRASSI / FAT
LIPIDES / GRASAS



8

O livro das palavras acordou tarde com a luz do sol batendo morna em sua capa.

Estava caído numa praça, jogado no chão, mole, estropiado, molhado de cerveja e meio rasgado. Sentiu, inclusive, a falta de algumas páginas.

Entretanto, mesmo assim, nunca se sentira tão bem em toda sua vida.

Em primeiro lugar, sabia agora, graças ao estudante universitário, que tinha o seu valor e sua razão de ser. Além disso, é preciso dizer, tinha se divertido um bocado, dançado, cantado, pulado, brincado, batucado e aprendido que “festa”, “folia” e “alegria” são mil vezes mais do que três palavras impressas numa folha de papel dentro de um dicionário.

A praça era um lugar bonito, todo gramado e cheio de árvores e plantas floridas.

Pelos galhos em volta, alguém havia pendurado garrafinhas plásticas com água e açúcar. Os passarinhos vinham esvoaçando bebericar aquela água doce.

Recostado numa pedra, o livro das palavras ficou só observando.

O passarinho chegava. Enfiava o bico. O líquido da garrafinha diminuía um pouco. O passarinho parava. Olhava para um lado e para o outro. Dava mais um gole. Depois estufava o peito, sacudia as asas e partia feliz, voando e piando de pança cheia.

Um gari de uniforme laranja passou varrendo a calçada e cantando um samba baixinho:



*Quero viver como um passarinho
Cantar voar sem direção
Quando quiser construir meu ninho
Hei de encontrar um coração*

*Por enquanto eu quero viver
Com toda liberdade
Cantando aqui, pousando ali
Esta é a minha vontade*



“Liberdade”. Fazia tempo que o dicionário vinha pensando nessa palavra. Segundo suas próprias páginas, liberdade era muitas coisas. Podia ser a “condição daquele que não é cativo ou que não é propriedade de outrem”. Ou também “estado daquilo que está solto sem qualquer empecilho tolhendo os seus movimentos”.

Liberdade parecia uma coisa ótima, mas ele não conseguia apagar da memória as palavras daquele homem pálido, de paletó e gravata, no meio da discussão entre o motorista e os guardas. O tal sujeito era a favor da liberdade total!

Vinham então as palavras do jovem careca de camiseta preta: “Mas isso seria a liberdade sem responsabilidade... ia virar uma guerra de todos contra todos”.

As dúvidas batucavam dentro do livro das palavras.

Seria possível existir algo como uma liberdade total? Ele mesmo — pensava o dicionário — era de fato livre?

Antigamente, no tempo em que vivia na biblioteca, ele, sem dúvida, acreditava que sim. Agora, depois de viajar pelo mundo, já não tinha tanta certeza. Quem ou o quê no mundo era completamente livre? Perguntava ele para si mesmo à procura de um único exemplo. Como ser livre, se é preciso respeitar o direito dos outros? De que adiantava ser livre e tirar a liberdade do outro? Ser livre como, se existem leis, regras e costumes que precisam ser respeitados? Usar a palavra liberdade era fácil, pensava o dicionário; compreendê-la, ao contrário, era bem mais complicado.

Infelizmente estava ficando cada vez mais difícil meditar naquele lugar.

Havia algo de podre no ar.

Era um cheiro ruim. Sim. Apesar de muito bem cuidada, das alamedas limpas, das plantas e de tanto passarinho colorido e flor perfumosa, aquela praça cheirava mal.

O dicionário não entendia o porquê. Procurou em volta. Olha daqui, espia de lá, acabou descobrindo um monte de lixo jogado num canto. O fedor pesado pulava de lá, grudava no ar e não queria ir embora. As moscas revoavam molengas por cima do monturo.

Alguma coisa, uma força, atraiu o livro para perto do lixo.

O lixo se mexeu.

O livro recuou.

O lixo não era lixo. Era um homem deitado no chão. Um mendigo esfarrapado, cheio de fios, trapos e traquibandas pendurados pelo corpo. Estava lá, deitado, quieto, sujo, olhando para o alto com olhos magros.

O dicionário ficou examinando aquele tipo.

— Tá olhando o quê? — perguntou o mendigo.

— Desculpe... eu... hum... pelo jeito você deve ser um mendigo, ou seja, “um indivíduo que pede esmolas para viver. Um mendicante, pedinte ou esmoleiro”.

O maltrapilho limpou o nariz com o dedo.

— E daí? Nunca viu, não?

Olhou bem para o dicionário e disse:

— Pra mim, você é sabe o quê?

Um motoqueiro passou roncando, sem capacete.

— Pra mim você é um nada. Um monte de nada feito de papel.

E o mendigo sorriu com sua boca sem dentes.

— Nada como? — perguntou o livro. — Nada, deixe-me ver, significa “nenhuma coisa, coisa alguma”. Eu, pelo contrário — explicou —, sou um livro. Melhor dizendo, sou um dicionário.

— Diz o quê?

— Di-ci-o-ná-rio — soletrou o dicionário — é “o conjunto de vocábulos de uma língua ou de termos próprios de uma ciência ou arte dispostos alfabeticamente e com o respectivo...”.

Os olhos do miserável boiavam vazios.

O livro das palavras parou de falar. Resolveu procurar outras palavras:

— Bem... — disse ele. — Sou... um livro com todas ou quase todas as palavras que a gente usa e fala no dia a dia, além de outras menos usadas... Se você escuta uma palavra e não sabe o que significa... ou vai escrever e não lembra certa palavra, você... por exemplo... os estudantes... usam dicionários para...

— Isso e nada pra mim é a mesma coisa — interrompeu o mendigo.
— Não sei ler. Não sei escrever. Fora que você, pelo jeito, não tem um tostão furado e eu vivo de esmolas e, pra variar, hoje estou com fome.

O dicionário estava atento a cada palavra da conversa.

— Fome — repetiu ele pensativo. E disse: — Pelo tom de sua voz deve ser difícil sentir fome...

— Difícil?

A manhã era de sol, mas o rosto do maltrapilho ficou nublado.

— Você não é o tal que sabe todas as palavras? — perguntou ele. — Veja você mesmo!

— Fome — respondeu o dicionário — ... pelo menos é o que diz aqui... significa... “grande apetite de comer, urgência de alimento, subalimentação.”

Uma gargalhada estilhaçou o ar. Assustados, pássaros e borboletas fugiram coloridos em debandada.

— Fome — explicou o maltrapilho — é o ferro enferrujado que fura meu corpo dia e noite! É uma ferida dentro de mim que sangra, sangra e nunca cura! É uma vontade louca de dormir e não acordar mais.

O livro chegou mais perto do homem.

— Olha... — disse ele — sou apenas um dicionário. Não sei o que é fome. Mas vejo em você, nos seus olhos, nas suas mãos, na dor da sua voz, como a fome é e do que ela é capaz. Eu...

Uma brisa soprou devagarinho.

— ... posso fazer alguma coisa?

Uma criança vinha pela rua assobiando. Voltava da escola com seu uniforme de blusa branca e calção azul-marinho.

O mendigo agarrou o dicionário.

— Ô moleque... você aí... tá precisando de um dicionário?

— Eu?

O menino examinou o maltrapilho com espanto e um pouco de medo. Olhou o livro.

As aulas haviam começado justo aquele dia e, por coincidência, estava com a lista de material para comprar. Dicionário? Procurou na lista. Sim, ia precisar de um.

— Deixa eu ver? — pediu o menino.

— É quase novo — explicou o mendigo. — Dá uma olhada.

O menino abriu o livro desconfiado.

— É... mas... está faltando página...

— Pouca coisa — disse o mendigo. — Uma ou duas em mais de sei lá quantas... não vão fazer falta nenhuma. Vendo baratinho!

Os olhos do miserável imploravam.

O menino sentiu vontade de ajudar. Morava perto. Foi pegar dinheiro em casa.

O mendigo matou a fome aquele dia.

O livro das palavras sentiu que já tinha viajado o suficiente.

Feliz e cheio de esperança, foi viver durante um tempo na casa do menino.







Nota: Todas as definições usadas ao longo do texto foram tiradas dos dicionários *Aurélio – Novo Dicionário da Língua Portuguesa*, de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira. 2ª ed. Nova Fronteira, 1986, e do *Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa*, de Antônio Houaiss. Objetiva, 2001.

A marcha citada na página 66 chama-se *Noite dos mascarados* e é de Chico Buarque; o samba da página 70 chama-se *Minha vontade*, do portelense Chatim (Thompson José Ramos, 1915-1991).



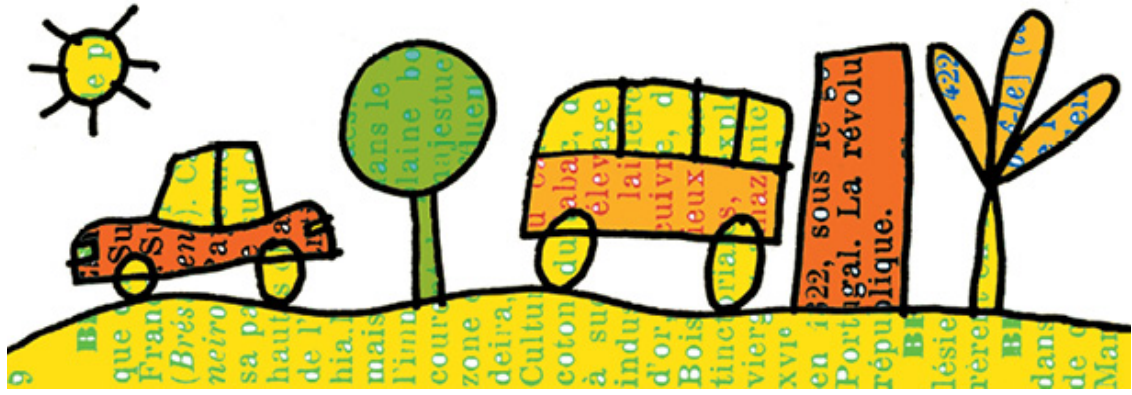


A cena de um dicionário vaidoso, que parte por aí disposto a comparar as palavras de dentro de si mesmo com as coisas da vida e do mundo, surgiu na minha cabeça faz tempo e acabou virando O livro das palavras, publicado em 1993, pela Editora Formato. O problema é que, depois do livro pronto, fiquei cheio de dúvidas. Faltava nele alguma coisa e eu não sabia bem o quê. Deixei o tempo passar. Por sorte, tive oportunidade de retomar o texto em 2005, e é este trabalho que o leitor tem agora em mãos. Acho que o tempo me ajudou a compreender melhor o livro que tinha criado. Retrabalhei o texto inteiro, alterei cenas e diálogos, acrescentei capítulos e personagens novos e ainda tentei esclarecer certos temas importantes da história. Refiro-me principalmente aos diversos significados que uma mesma palavra pode adquirir; à possibilidade da existência de diferentes pontos de vista a respeito de um único assunto; e ainda a oposições como teoria versus prática, discurso versus ação, fatos concretos versus teses abstratas. Por exemplo, a noção abstrata de “miséria” e a miséria mesmo, concreta e situada na vida de uma pessoa, costumam ser coisas completamente diferentes. É fácil fazer estatísticas, discorrer e teorizar sobre a miséria. É muito difícil senti-la na própria pele. Tomara que o leitor goste de como o livro ficou. Uma coisa é certa: com os desenhos da Mariana Massarani ele está muito mais bonito.

Ricardo Azevedo

Ricardo Azevedo é escritor e ilustrador, autor de *Contos de enganar a morte* e *A hora do cachorro louco* (Ática), *Trezentos parafusos a menos* (Companhia das Letrinhas), *Chega de saudade* (Moderna), *Histórias de bobos, bocós, burraldos e paspalhões* (Projeto) e *O sábio ao contrário* (Senac), entre outros trabalhos. Tem livros publicados na França, Alemanha, Holanda, México e Portugal.







Nasci e moro no Rio de Janeiro. Já ilustrei mais de cinquenta livros infantis de diversos autores. Do Ricardo Azevedo, já desenhei outros dois livros, Trezentos parafusos a menos e Não existe dor gostosa. Eu mesma já escrevi: Victor e o jacaré (Studio Nobel); Marieta Julieta Raimunda da Selva Amazônica da Silva e Sousa; Leo, o todo poderoso capitão astronauta de Leox, a cidade espacial (Manati); e Banho! (Global). Me amarro em desenhar figuras usando letras, e neste livro usei também lápis de cor, guache, colagem, caneta esferográfica, papéis que acho interessantes, canetas de caligrafia, computador e muito, muito scanner. Tenho vários dicionários em casa! Tem um de 1911 que era do meu avô. Claro que várias informações já mudaram, pois ele é de antes da Primeira Grande Guerra e muitos países e fronteiras não existem mais. Sou maluca pelo meu dicionário de animais do Brasil, do Rodolpho Van Ihering! Agora ambiciono um de português e tupi. Tenho um blog: <http://marianamassarani.blogspot.com>.

Mariana Massarani



Texto © Ricardo Azevedo

Ilustrações © Mariana Massarani

© Editora do Brasil S.A., 2007

Todos os direitos reservados

Direção-geral

Vicente Tortamano Avanso

Direção adjunta

Maria Lucia Kerr Cavalcante de Queiroz

Direção editorial Cibele Mendes Curto Santos

Edição Felipe Ramos Poletti, Sergio Alves

Coordenação de artes e editoração Ricardo Borges

Revisão Eduardo Passos e Dora Helena Feres

Controle de processos editoriais Marta Dias Portero

Produção e-book: Booknando livros

1ª edição digital, julho 2019



Rua Conselheiro Nébias, 887
São Paulo, SP - CEP: 01203-001
Fone: +55 (11) 3226-0211
www.editorado brasil.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Azevedo, Ricardo

O livro das palavras [livro eletrônico] / Ricardo Azevedo ; ilustrações Mariana Massarani. -- São Paulo : Editora do Brasil, 2019.

25 Mb ; ePUB

ISBN 978-85-10-07661-6

1. Literatura juvenil I. Massarani, Mariana. II. Título.

19-27680

CDD-028.5

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura juvenil 028.5

Iolanda Rodrigues Biode - Bibliotecária - CRB-8/10014

Acompanhe a Brasil



atendimento@editoradobrasil.com.br

www.editoradobrasil.com.br